



# PELOS OLHOS DAS CRIANÇAS

Com suas rotinas alteradas, pequenos refletem sobre mudanças causadas pela covid-19

MONIQUI FRAZÃO\*

**E**m março, quando o Brasil iniciou as diversas ações para o controle da covid-19, as crianças também tiveram suas vidas impactadas. Pararam de frequentar suas escolas e tiveram interrupções no processo de aprendizado; deixaram de conviver com os amigos e tiveram sua mobilidade restrita ou pelo menos alterada, conforme as medidas para controle da pandemia do novo coronavírus, que se espalhava pelo país. Logo, profissionais como médicos, psicólogos e educadores passaram a debater o futuro dos pequenos frente à pandemia. Mas pouco se perguntou às crianças o que elas acham disso tudo ou

como têm vivido esse momento. *Radis* conversou, de forma remota, com quatro crianças, das redes públicas e privadas de ensino, sobre o que elas estão pensando e como estão vivendo este momento.

“Eu queria aprender a ler”, diz Rafael Paes. Morador do Rio de Janeiro, o menino de 6 anos, em fase de alfabetização, e sua irmã, Luísa Paes, de 9, permaneceram estudando, mas agora de outra maneira, longe da escola. Eles vivem a pandemia da covid-19 com as suas restrições e com a presença do estudo. Alunos da rede pública de ensino, eles ficam com a avó enquanto a mãe, a enfermeira Aline



“ Agora eu estou pesquisando mais, lendo mais, até por causa das pesquisas, pois tenho que me aprofundar ”

Luiz Henrique, 11 anos

Paes, trabalha na linha de frente contra o novo coronavírus. É nesse meio tempo que os dois têm aulas com a tia, que também é professora.

O sentimento de falta da escola e das aulas de educação física — quando eles uniam diversão e aprendizado — são opiniões comuns aos irmãos. Nesse tempo em que estão em casa, os passatempos ficam por conta de atividades como os desenhos que Luísa faz e as brincadeiras de Rafael com sua cachorra. Para a menina, a parte boa de ficar em casa é estar com a família e com os animais. Já Rafael também lembra da saudade da matemática.

A mãe deles explica que, além de algumas atividades enviadas pela escola, Luísa permanece tendo aulas online de inglês, no curso particular que faz. Já as professoras de Rafael também propõem algumas atividades por rede social, mas ambos sem aulas por plataformas.

Aline explica que as crianças não tiveram sintomas da covid, embora ela mesma tenha tido a doença, logo no início da pandemia. “Minha mãe teve a covid, mas ela venceu”, conta Rafael. O que Luísa acha de sua mãe estar trabalhando durante a pandemia? “A gente está achando



COTTONBRO/PEXELS

muito legal. Porque ela está sustentando a casa e salvando vidas". Quando tudo isso passar, o mundo vai voltar ao normal, na opinião de Luísa. "Eu acho que tudo vai voltar a ser como era", opina.

### PRESENTE BORDADO NA ESPERA

Em Pernambuco, os estudos de forma remota também entraram na rotina de Laura Peres de Oliveira, de 10 anos, moradora do Recife. Ela tem aulas tanto do colégio em que estuda, da rede privada de ensino, quanto do curso preparatório que faz duas vezes por semana. Laura diz achar bom estudar de casa, no conforto do lar. Ela ainda ganha a ajuda da mãe nas tarefas do curso. O que ela não gosta das aulas online é de ficar longe de suas professoras e "de todo mundo" do colégio. Laura também lembra das festas comemorativas escolares, como as de final de ano, que não vão acontecer. O novo dia a dia de aprendizados ganha seus momentos de lazer, quando ela vê algum vídeo, assiste a um filme ou joga com a sua família, borda, desenha ou liga para uma amiga.

A pandemia tem dois lados para ela. O lado triste é ficar longe de pessoas que gosta, como seus amigos e outros familiares. Porém, mesmo admitindo que o momento é ruim, ela também enxerga alguns pontos positivos, como ter "se encontrado" mais, ter descoberto alguns hobbies que nunca imaginou que iria praticar, como o bordado. O momento tem sido de reflexão para a menina. "Você para pra refletir sobre tudo o que está acontecendo. É bom", expressa.

Laura pensa que, quando as restrições impostas pelo novo coronavírus acabarem, uma parte das pessoas vai ter um conceito diferente do mundo. "Não sei se bom ou ruim, mas vai ter mudado. Todo mundo vai ter mudado nem que seja um pouquinho depois dessa pandemia", acredita. Quando questionada se as pessoas voltarão pensando diferente, ela diz que depende muito da pessoa "se ela vai mudar para algo bom ou para algo ruim". Para ela, "todas as pessoas têm um conceito diferente do mundo, todas têm um olhar político diferente" e isso vai continuar "até o fim dos tempos". E conclui: "Mas o que eu espero é que as pessoas parem para refletir. Na natureza, na empatia com o outro, em tudo, enfim".

Se a vida durante a pandemia é boa ou ruim, Laura acha difícil dizer. Há muitas coisas ruins e muitas coisas boas. Ela se sente feliz de morar com sua família e não ficar sozinha. "Já dá sensação de que a gente está muito solitário", imagina se ela estivesse sem a sua família, conta. "Porém, eu fico imaginando quando vou rever as pessoas que amo, ver o mundo lá fora, quando vou voltar ao normal", reflete.

### CONTATOS REMOTOS

Luiz Henrique, de 11 anos, é outro que continuou estudando em casa, no Rio de Janeiro, durante a pandemia, o que, segundo ele, "é divertido". "É diferente, mas eu aprendi um monte de ferramentas novas", conta. Estudante da rede privada de ensino, ele havia mudado de colégio este ano. Ele narra que as tarefas se tornaram mais trabalhosas, envolvendo mais pesquisas. Para ele, a maior mudança gerada pela pandemia foi justamente na forma de estudar. "Agora eu estou pesquisando mais, lendo mais, até por causa das pesquisas, pois tenho que me aprofundar", diz.

Porém, as restrições trazidas pela pandemia geram estranheza no garoto. Segundo ele, antes era possível sair para fazer alguma coisa. "Agora já não está mais podendo", conta. Ele também prefere outra definição a avaliar se o momento é bom ou ruim. "É meio diferente, mas acho que é um pouco pior ficar em casa". Do que Luiz Henrique mais sente falta é de seus parentes mais distantes, que não pode ver — apenas por ferramentas como as videochamadas pelo WhatsApp.

Mas o menino também enxerga um lado bom na pandemia. "De certa maneira, eu estou achando até que uma experiência boa. Eu nunca tinha ficado tanto tempo repetidamente em casa". Ele explica que, "por mais que o motivo seja ruim, a experiência foi boa". Para ele, o que mais sente nesses meses em casa é em relação à interação com as pessoas. 

■ ESTÁGIO SUPERVISIONADO